

# O BERÇO da CRIANÇA

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa  
Editor — ANTONIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.  
Impressão: Tip. Minerva — Villa Nova de Famalicão

## CORPORATIVISMO — EIS O NOVO RUMO!

**O** mundo económico, político e social tem-se agitado entre dois polos representativos de duas teses antípodas: a solução liberal e a solução socialista.

A primeira, romântica e ingénua, formada ao sabor do idealismo vago e quimérico de Rousseau, afirma-nos que as leis eternas e imodificáveis que regem as sociedades, produzem automaticamente uma harmonia natural.

Esta poética visão dos problemas económicos, originou aquela conhecida expressão dos sociólogos do século XIX — «laissez faire, laissez passer» —, frase-índice da feição inorgânica da ideologia liberal.

Desta liberdade, e falta de organização, resultaram a concorrência desregrada, o aviltamento de salários, o braço do trabalhador sujeito à lei da oferta e da procura, a produção em disparidade com o consumo, em suma, uma série de calamidades sociais.

A tese socialista advoga uma solução diametralmente antagónica: à livre acção da iniciativa particular, opõe o Estado-patrão, senhor absoluto da indústria e da propriedade.

Pretende a total extinção da iniciativa particular, em benefício da colectivização da propriedade e da indústria, assumindo o Estado, absorvente e escravizador, a tutela das fontes de riqueza.

Esta solução leva-nos ao estadismo soviético.

Ambas as teses são repudiadas por uma inteligência equilibrada.

Em substituição destes sistemas, inconsistentes nos seus princípios ideológicos, ruinosos nas suas concretizações, surge-nos a solução corporativa, cuja eficiência na vida real, mais enaltece a sua superioridade doutrinária.

O corporativismo, adaptado pelo Estado Novo, pretende a auto-direcção da economia nacional, por intermédio dos grémios patronais e sindicatos operários, sob o impulso coordenador do Estado.

Os grémios, absolutamente distintos das coligações económicas, condenadas pela organização corporativa, têm em vista objectivos de ordem económica e social.

São os grémios e os sindicatos, entidades de carácter jurídico, que através dos contractos colectivos, estabelecerão as relações entre o capital e o trabalho em subordinação a princípios de Justiça social.

Alguns sectores do trabalho nacional, já se orientam, com vantagens indiscutíveis pelas normas corporativas.

Em Gaia, o Sindicato dos Tanoeiros assinou, juntamente com o Grémio de Exportadores de Vinho, o contrato colectivo, onde salários mínimos, cotizações patronais e operárias para a Caixa de Previdência, etc., se encontram asseguradas. O montante da Caixa de Previdência atingiu já 200 contos.

Estado Corporativo — eis a maior realidade dos nossos tempos.

«Quem haverá que ainda hoje duvide da objectividade e da oportunidade do novo direito corporativo, deste grande ideal em marcha?», interrogava na semana passada o Sr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, ao receber os cumprimentos dos trabalhadores portugueses pela sua ascensão ao lugar de ministro do Comércio e da Indústria.

Entre as realidades da política do Estado Novo, continuava o novo ministro, uma existe que eu julgo das maiores, senão a maior: esta revelação levada ao coração do povo português no entrever da nova ordem económica e social que projecta sobre os tempos futuros o clarão da nossa esperança.

Corporativismo — eis o novo rumo!

## A' MARGEM

A luta eleitoral em Espanha está no seu auge. Aí, como em todo o mundo, hoje, os campos são bem distintos e opostos: — dum lado a **ordem**, do outro a anarquia, o **caos**.



Dum lado as **direitas**: a disciplina, a ordem, a Espanha, a civilização latina e cristã.



Do outro as **esquerdas**: a indisciplinada, a anarquia, o internacionalismo, a civilização da nova barbárie da Rússia, os párias materialistas, os sem Deus.



O caso espanhol já foi o caso português — a única diferença está no tempo — a Espanha anda atrasada de Portugal uns 20 anos.



Não pode Portugal ficar estranho ao desenrolar dos acontecimentos em Espanha — trava-se aí uma luta de vida ou de morte — conforme caiba a vitória às direitas ou às esquerdas.  
? E porque?



Um dos cartazes da campanha eleitoral, das direitas, representa a península Ibérica; uma mão ensangüentada, de unhas ponteadas, tenta amarrar a península, incluindo Portugal!  
Esta é a realidade...



Na verdade, o perigo que ameaça a Espanha — o perigo da vitória das esquerdas — é um perigo também para Portugal.



Eis a razão que nos assiste em estar atentos ao desenrolar dos acontecimentos do país vizinho.



Os campos estão extremados: ou se é pela ordem e pela civilização latina e cristã, ou contra a ordem e contra a civilização latina e cristã?!

## FESTAS DA CIDADE

No edificio da Câmara Municipal reuniram, juntamente com a comissão executiva das Festas da Cidade, composta pelos srs. dr. José Francisco dos Santos, Silvino Alves de Sousa, António Laranjeiro dos Reis e alguns artistas vimaranenses, que ventilaram a realização das «Gualterianas» segundo novos moldes.

Foi esboçada a possibilidade da organização de um cortejo histórico, evocador da vida portuguesa no tempo de D. João I.

A cidade de Guimarães, intensamente ligada, no seu passado, ao fundador da dinastia de Aviz, vai ressuscitar com todo o colorido da época, expresso em indumentárias bizarras e figurantes típicos, a vida social do tempo do Mestre de Aviz.

Agitou-se nessa reunião a representação no cortejo, por ordem cronológica, desde o presente até ao tempo de D. João I, da vida social de Guimarães, através dos diversos séculos.

O cortejo será, em suma, a evocação de Guimarães nas suas fases de actividade agrícola, industrial e social.

Ventilou-se também a construção de uma praça de touros e a necessidade de imprimir o maior brilhantismo à marcha Gualteriana.

Pelo esboço do programa apresentado, as Festas da Cidade vão atingir grandiosidade e imponência, de forma a enaltecer e dignificar a cidade de Guimarães.

Pelas Festas da Cidade, à vante!

## A reforma administrativa do país

Uma comissão delegada das forças vivas da Guarda, acompanhada do respectivo governador civil e de todos os deputados naturais daquele distrito, avistou-se com o presidente da Assembleia Nacional, a quem entregou uma representação na qual se solicita que a província não seja fragmentada pela próxima reforma administrativa.

A representação alvitra, para obstar à divisão da Beira, que poder-se-iam encarar as províncias de Além Douro com a capital em Guimarães; a da Beira com a Capital em Coimbra; a do Ribatejo com a capital em Santarém; a do Alentejo com a capital em Évora e a do Algarve com a capital em Faro.

Esta exposição pretende habilitar a Câmara Corporativa e a Assembleia Nacional a fazerem a divisão provincial pela forma mais adequada aos interesses do país e ao prestígio do Estado.

## VIDA CATÓLICA

## Domingo da Sexagésima

## Evangelho:

*Naquele tempo, tendo-se juntado uma grande multidão de povo que acorrera de diversas cidades, disse Jesus esta parábola: — Saiu o sementeiro a semear a sua semente; e, ao semeá-la, uma parte caiu ao longo do caminho, e foi calcada, e as aves do céu comeram-na. E outra parte caiu sobre pedregulho, e, quando nasceu, secou; porque não tinha humidade. E a outra parte caiu entre os espinhos, e logo os espinhos, que nasceram com ela, a sufocaram. E outra parte caiu em boa terra; e, depois de nascer, deu fruto, cento por um. Dito isto exclamou; Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. Os seus discípulos perguntaram-lhe o que significava esta parábola. Ele respondeu-lhes: A vós é concedido conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos outros é anunciado por parábolas; para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam. Eis o sentido da parábola; — A semente é a palavra de Deus. Os que estão ao longo do caminho, são aqueles que a ouvem; mas depois vem o demónio, e tira a palavra do seu coração para que não se sabem crendo. Aqueles em que se semeia sobre pedregulho, são os que recebem com gosto a palavra, quando a ouvirem; mas não têm raízes; até certo tempo creem, mas no tempo da tentação voltam atrás. A que caiu entre espinhos representa aqueles que ouviram a palavra; porém indo por diante ficam sufocados pelos cuidados, pelas riquezas, pelos deleites desta vida, e não dão fruto. Finalmente a que caiu em boa terra representa aqueles que ouvindo a palavra com coração bom e perfeito, a retêm, e dão fruto pela paciência.*

## Considerações:

Feito no domingo precedente o convite a todas as almas para que trabalhem na sua santificação a fim de receberem o *denário* ao findar do dia, a Santa Igreja dá hoje aos seus filhos o meio de conseguirem esse fim. É a palavra de Deus, palavra que o Senhor, por meio dos seus ministros, vai transmitindo aos fiéis, palavra que instrue, palavra que alimenta, palavra que orienta, que dirige, que encaminha as almas para o Céu. E como não assim? Pela palavra de Deus, os fiéis são transformados para se tornarem o Corpo Místico de Cristo. Dizia o grande Bossuet: «No templo do Senhor há dois augustos lugares: o altar e o púlpito. No altar apresentam-se as súplicas; no púlpito publicam-se as ordens. No altar os ministros sagrados falam a Deus em nome do povo; no púlpito falam ao povo em nome de Deus. No altar Jesus Cristo é adorado na verdade da sua doutrina.» Não é pela palavra de Deus que se têm operado a quasi totalidade das conversões extraordinárias?

Neste santo tempo, tempo de oração e penitência, meditemos bem a parábola que o próprio Jesus Cristo se dignou explicar. Não façamos do coração caminho trilhado, pois que então a inteligência não compreenderá nem aplicará a verdade da palavra divina. Não deixemos que pensamentos estranhos e criminosos sejam o Satanás que durante a pregação arrebatada o grão da palavra divina.

Não permitamos que a falta de vontade, que a inconstância da nossa vida, seja o terreno pedregoso que não permite criar raízes a semente da palavra divina.

Não consintamos que os cuidados exclusivamente terrenos abatem o bom fruto da palavra divina. Procuremos sim ouvir a palavra divina com intão recta e coração puro, ouvi-la com frases, atenção, respeito e amor, retê-la, meditá-la e pô-la em prática, para que produza frutos abundantes de salvação. Nunca se verifique em nós o gosto mais pelo engenho e arte do orador, que pela beleza da palavra do Senhor, porque às das almas enfastiadas da palavra de Deus — têm em si os micróbios espirituais que infalivelmente ocasionarão a morte eterna.

## De tudo... um pouco

Pela local que publicam em seu último número com o título acima, ficamos sabendo que os do *Notícias de Guimarães* também são cristãos, apesar de considerarem «preconceitos dum tradicionalismo mais que velho, já sem vantagem para ninguém, as festas da família e Ano Novo».

Não compreendemos lá muito bem nem nos revoltamos; admiramo-nos apenas com as turbas...

Quanto às *amabilidades* com que nos mimoseam, não as estranhámos. Já eram de esperar.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

J. C. M.

No passado domingo esteve nesta cidade o Assistente Arquidiocesano da Juventude Operária Católica, Rev.<sup>m</sup> Sr. Padre Domingos Apresentação Fernandes, que veio conferenciar com a Direcção local deste organismo da Acção Católica.

## Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus

É amanhã que se realiza a Reunião Mensal desta Pia Associação.

## Filhas de Maria

Realiza-se amanhã a sua Reunião Mensal, na Igreja do Carmo, com as devoções do costume.

## Cruzada Eucarística de S. Sebastião

No passado domingo, realizou-se a Mensal da Cruzada Eucarística da freguesia de S. Sebastião.

## CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques) — No próximo domingo a formatura será às 7<sup>3/4</sup> horas, para se assistir à Santa Missa.

Todos os lobitos devem comparecer uniformizados.

Fizeram exame de 1.<sup>a</sup> estrêla, ficando aprovados, os lobitos José Almeida, Teibão, Casimiro e Carlos Alberto, pelo que são autorizados a usá-la.

Por terem atingido a idade regulamentar, são transferidos para o Grupo n.º 6 (S. Dâmaso) os lobitos Delfim de Oliveira e Marques.

Grupo n.º 6 (S. Dâmaso) — Este Grupo terá no próximo domingo a sua Comunhão Mensal, pelo que todos os escutas se devem confessar no sábado.

A formatura será às 7<sup>1/2</sup> horas, devendo todos comparecer devidamente uniformizados.

Se o tempo o permitir haverá o costumado passeio ao campo.

## Grupo n.º 2 (Egas Moniz)

1.º — A formatura no próximo domingo, será às 7<sup>1/2</sup> horas.

2.º — É dispensado o uso do uniforme.

Para evitar erradas atribuições, informamos que os artigos de fundo publicados neste jornal, são de autoria do seu director.

## RESTAUROS

O *Notícias de Guimarães*, no seu número 209 lançou-nos com ares de vitória êste repto temeroso: «porque não fala do restauro do Castelo dos Almadas e de outros restauros mais?»

E tal é a voluptuosidade epicuriana com que o *Notícias de Guimarães* saboreia o tema indigesto e estafado do palácio dos Almadas que muitos amnésicos devem estar convictos da irresponsabilidade de o *Notícias* naquele pseudo-monumento!

Ora não é bem assim!

Nós é que estamos absolutamente ilibados de culpas, pois quando o restauro se iniciou, ainda não existiamos com funções jornalísticas.

Outro tanto não se verifica com o *Notícias de Guimarães*, pois nesse tempo exercia já o seu papel de órgão do regionalismo.

E qual foi a sua atitude ante o restauro do palácio dos Almadas?

Porventura soube conduzir-se com prudência, estribado em pareceres firmes, emitindo juízos conspícuos, de forma a afastar de si qualquer responsabilidade naquele arranjo?

Longe disso.

No seu número 89, de 8 de Outubro de 1933, leviana e apressadamente discorria que a «câmara pensa em mandar pôr a descoberto o interessante castelo dos Almadas, que se encontra encerrado num pardieiro da rua da República» preparando assim um ambiente de simpatia àquele deslize... arqueológico.

«Desta forma não só ficaremos a possuir mais um monumento como desaparecerá também um dos muitos aleijões» continuava o colega com júbilo e satisfação.

Em que dados arqueológicos se fundava para classificar de interessante o Castelo dos Almadas?

E agora, depois de anunciar e apadrinhar o novo monumento com adjectivos festivos, só pelo facto de êle se ajanotar com arrebiques... arqueológicos, toca a espancá-lo, a pontapeá-lo, a maltratá-lo, com uma cega deshumanidade!

E são estes senhores que nos convidam a falar sobre o palácio dos Almadas!

Por uma questão de coerência senhores do *Notícias de Guimarães*, calem-se lá com isso!

## Nos nossos colaboradores

Pedimos aos nossos apreciados colaboradores, a fineza de nos enviarem o original até segunda-feira à noite, a fim de ser possível a sua publicação no número do jornal a que se destina.

# DUAS MENTALIDADES

A profecia cumpriu-se. As trincheiras são bem distintas: Moscovo e Roma; as mentalidades estão bem definidas: liberal e anti-liberal.

As hostes opõem-se, são duas, unicamente, bem diferenciadas e vincadas — separa-as um abismo.

A grande batalha do Apocalipse — o *argamemon* — começou. A batalha será dura, a civilização latina, — Deus ajuda-nos —, será imortal — a vitória será certa.

Embora te apresentes acobardado na capa da neutralidade — grosseiro materialista e liberal — eu conheço-te; conheço as tuas origens, o teu presente, e concludo o teu futuro!

Hei-de desmascarar-te, prender-te ao pelourinho da ignomínia.

Vou contar-te a tua história:

Tua mãe foi a reforma religiosa de Lutero, em que o *livre-exame* é a «fonte permanente de interpretação caprichosa e anárquica no domínio das cousas religiosas»; foste gerado no sangue e na podridão da revolução-francesa, abôrto dos falsos subjectivismos do prevertido moral J. J. Rousseau, que foi no campo da política e da moral o que o *livre-exame* o foi no campo religioso; nasceste no dia 24 de Agosto de 1820 — dia de S. Bartolomeu, em que anda o diabo à solta (!) — na aurora da Liberdade (!); foste baptizado (ressalvo o sentido; emprego a palavra) em nome da *liberdade*, da *igualdade* e da *fraternidade*!

Não existe diferença nenhuma entre a tua mentalidade de então e a que tens hoje: — a mesma inteligência primária, fruto da tua gestação arcaica, embora te julgues de pouca idade — em verdade a tua vida «à luz do dia» é recente, tem pouco mais de um século — os mesmos ódios, as mesmas ideas tórpes, o mesmo crânio ôco, só mais caveirente, tudo... tudo o mesmo, embora te queiras revestir da pele de leão que usavas, lázaro jumento, sempre «maçon» e ateu... graças a Deus!

O que foram as palavras do teu baptismo são hoje as palavras do teu enterramento, na tua morte de lepra e gangrena!

Liberdade, igualdade, fraternidade... palavras sem sentido, que contigo serão enterradas para sempre... São hoje o teu dobre de finados!

A batalha será dura, a civilização latina, — Deus ajuda-nos —, será imortal — a vitória será certa!

A Revolução da mentalidade da ordem, anti-liberal, derrubando os ídolos caricatos do Progresso, da Democracia e da Liberdade, vai-os substituindo, plantando cruces da Nova Idade que se abre aos nossos olhos para o Mundo.

ANTÓNIO-LINO.

## A' MARGEM

Não podemos admitir hoje a neutralidade.

Hoje ou se é por ou contra — neutralidade, sentidos dúbios, amaneirissas conselheirescas com todos — para estar de-bem com Deus e com o diabo — são maneiras de cobardia de conservador, eternamente de conserva, na sua poltrona, de chinelinhas de feltro, mãos no ventre — sempre o estômago — acariciando-o, dependurado no charuto fino, pensando que a vida é um sonho de rosas, que o comunismo é o eterno papão sem nunca os alcançar — eis o pançudo e bom burguês o conservador!!

Neutralidade é a hipocrisia, a cobardia, e deve ser encarada com desconfiança porque encobre sempre a hostilidade e a traição!

Que entendemos por burguês, conservador: o homem do parece mal, o homem da regra?

E' o grande publicista conde de Aurora que no-lo apresenta:

«Passou Dezembro, frio e pardacento...» Saira das corporações o seu grande animador, «discipulo do discipulo» lhe chamei há dias — o grande Pedro Teotónio (e dizem que os homens se não medem aos palmos, oh! enganadora filosofia popular...)

... Sômente se regosijou o mau capital, o tais de que falava o outro.»

Mas passa o Dezembro, e de novo surge Pedro Teotónio, como ministro do Comércio.

E' certo que há alarves que vêem nêle o defensor do proletariado, esquecendo que é de Pedro Teotónio a frase do Estatuto Nacional do Trabalho: o Estado Português não é proletário nem burguês, ambos os epítetos lhe desagradam por igual.

Leram? Tinham-se esquecido? Nem proletário nem burguês — alembrem-se, oh! — timoratos conservadores!»

Certo crítico observa uma vez a João Ameal que era erro aparecer uma personagem no último capítulo de romance seu, por ser contra a regra.

País de desregrados, de individualistas teimosos, de infractores, de falta de método e de métodos, de horror à continuidade — oh! como todos invocam e adoram a regra».

# C O R P O R A T I V I S M O

## INQUÉRITO ÀS CLASSES OPERÁRIAS

Fala o presidente do Sindicato dos operários da indústria de cutelaria

Guimarães, colmeia laboriosa de artífices aprimorados, tem na indústria de cutelaria um dos seus trofeus mais gloriosos.

Espalhada por todo o concelho, Creixomil é, no entanto, a sua residência «oficial».

«Ali se alinham, nessa risonha, fervereira e populosa freguesia suburbana, as pequenas e grandes oficinas num rufar cantante de martelos num estríduo monótono de limagem e em fogos fátuos de forjas onde escandecem os materiais que servem para manufacturar tam gloriosa indústria que constitue um brasão envaidecedor... De «O Labor da Grei.»

Este semanário, integrado num pensamento de renovação social, regista hoje na sua página sobre corporativismo, os anseios e justas reivindicações da família cutelaria.

Em nome dessa vasta colmeia de artífices, fala o operário sr. António Francisco de Oliveira.

Arcaboço forte, juventude exuberante, espírito activo, Francisco de Oliveira, que este ano assumiu a direcção do Sindicato dos operários da indústria de cutelaria do distrito de Braga, com sede em Creixomil, está movido do propósito firme de vencer, assegurando à sua classe as bases de justiça que o direito corporativo estatue.

Melhor do que nas nossas considerações falam as palavras que o presidente do Sindicato nos confiou.

— Como se orientava a antiga Associação de classe em face dos problemas que era chamada a resolver?

— Como o antigo regime associativo era desprovido de normas eficientes, condicionadas aos problemas do trabalho, sempre que o assunto de salário se justificasse, a minha classe lançava-se nas greves, processo conflituoso e fomentador de indisciplina.

A organização não nos proporcionava outro...

Anualmente, com uma periodicidade sistemática, ali «pelo tempo das uvas», tramava-se uma grevezinha que quasi sempre sentia o efeito almejado.

Este processo, ruinoso para a indústria pela paralização do fabrico que motivava, não se justifica hoje em face dos acordos e contractos colectivos que a organização corporativa assegura aos trabalhadores Sindicalizados.

— Tínhamos também uma caixa

de previdência que subsidiava até 105\$00 anuais os sócios que necessitassem dos seus benefícios, em caso de doença, etc.

— Daqui se conclue que o espirito associativo estava radicado entre os operários cuteleiros.

— Houve relutância na organização do Sindicato?

— Não senhor, muito longe disso. Fomos os primeiros a dar a nossa adesão.

Quando o sr. dr. João Rocha dos Santos, numa memorável sessão realizada no antigo edificio da Câmara expôs aos operários de Guimarães as bases do corporativismo, nós, ali representados, manifestamos a nossa concordância.

Daquella sementeira nós fomos o primeiro fruto.

— Quais eram as reivindicações mais instantes do Sindicato?

— A resolução problema do horário de trabalho e das seiras.

Na minha classe trabalhava-se das 4 da madrugada até às 9 da noite.

Cheguei a ir para o trabalho quando aprendiz às 2 horas da noite.

— Mas isso era...

— O nosso entrevistado interrompeu-nos a frase, para completar: uma barbaridade. A nossa qualidade de homens sentia-se vexada.

Hoje trabalhamos as 8 horas.

Está vencida a primeira etapa.

— Cumpre-se então o horário?

— Notava-se, por vezes, aqui e ali, desprêzo pelo seu cumprimento.

Um officio expedido pelo Sindicato no passado dia de Reis, foi o bastante para atalhar estes males.

Apraz-me enaltecer a consideração que os patrões notaram à nossa comunicação sobre o horário de trabalho.

Hoje cumprem-se quasi em absoluto as oito horas.

— Exgotado o assunto relativo ao horário de trabalho, que o direito corporativo resolveu conforme a vontade dos trabalhadores, interrogamos o presidente do Sindicato sobre o problema das seiras.

— O que se entende por seiras?

As seiras consistem no acabamento e aperfeiçoamento em casa da obra começada na officina.

Pelo excessivo aumento de produção que originam as seiras podem vir a ser a causa da ruína da nossa indústria; em consequência disso o Sindicato pretende a sua extinção.

Além disso, das seiras deriva o abaixamento dos preços.

— Qual o motivo desse fabrico dentro de casa?

São principalmente os operários que não trabalham às segundas e terças-feiras que abusam do trabalho em casa.

Então há operários que não se apresentam ao trabalho às segundas e terças?

— E' verdade. Este mal provém em parte da falta de disciplina patronal.

Como a mudança de officina para officina está extremamente facilitada, os operários não curam de cumprir os seus deveres.

O Sindicato propõe-se acabar com estas anomalias.

Se ao patrão não lhe assiste o direito, sem motivos justificados de despedir o operário, a este cumpre-lhe não abandonar a officina, sem razões plausíveis.

— Como conseguirão regulamentar a profissão?

— O Estado Corporativo tudo prevê. Estamos a trabalhar para a obtenção do acôrdo colectivo, documento de valor jurídico onde direitos e deveres serão firmemente garantidos.

— Características do acôrdo?

Tabelar o preço da mão de obra, fixar a percentagem patronal e operária para a caixa de previdência e disciplinar o regime de trabalho, acabando com as seiras e perdas dos dois dias da semana.

— O acôrdo está para breve?

Estamos convencidos que sim. O Sindicato mandou já ao sr. dr. Henrique Cabral o projecto das tabelas.

Sabemos que o nosso illustre Delegado trabalha, neste momento, no esboço do acôrdo, que dentro de pouco tempo será apresentado aos nossos patrões, que também estão interessados na sua execução.

Então o acôrdo é uma realidade?

Sem dúvida, afirma-nos o sr. Francisco de Oliveira com voz enérgica, porque dele depende o futuro da nossa indústria, a garantia do pão de muitos trabalhadores.

Na minha indústria não há crise, mas isso não impede, que em bases sólidas, evitemos desde já, que qualquer surpresa nos assalte. Não há nada mais caprichoso, do que os assuntos económicos.

Depois do acôrdo assinado que mais pretendem?

Que ele se cumpra conforme

## VIDA SINDICAL

Sindicato Nacional da Indústria Têxtil

Na sua sede à rua Elias Garcia, reuniu, pelas 11 horas do pretérito domingo a Assembleia Geral deste sindicato, para eleição dos novos corpos gerentes, sendo por maioria eleitos os seguintes senhores:

*Assemblea geral* — David Abreu, José Mendes Guimarães e Fernando Mendes.

*Direcção* — António Ferreira Leiras, Manuel Magalhães, Domingos Alves Pereira, José Teixeira Guimarães e Armando Gonçalves.

*Substitutos* — Francisco Salgado Formiga, José Martins e Jerónimo Alves.

Em seguida foi resolvido enviar ao ex.<sup>mo</sup> sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações, o seguinte telegrama:

«Sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações — Lisboa.

Os operários da Indústria Têxtil de Guimarães, reunidos em Assembleia Geral para eleição corpos gerentes, saúdam muito respeitosa-mente V. Ex.<sup>a</sup> O Presidente, José Teixeira Guimarães.»

## Um Incitamento Indesculpável

Do *Notícias de Guimarães*, transcrevemos a seguinte local referente a umas plantas que se encontram junto ao afamado Castelo dos Almadas: «e não há uns gramas de ácido sulfúrico que acabem com aquella mortuária paisagem!!!»

Pergunta-se: se aquellas plantas forem aniquiladas, a quem pedir responsabilidades?

Combatam a colocação ali das plantas; é uma questão de critério. Mas, em nome da protecção que as plantas nos merecem, não incitem à sua extinção! Isto é um desafio!

## Guimarães vai ter um Teatro

Por officio dimanado do Governo Civil está superiormente autorizada a reconstrução do velho Teatro D. Afonso Henriques.

os seus artigos. A assinatura do acôrdo representa a satisfação das reivindicações por que a antiga Associação baldadamente se bateu.

Estava finda a nossa conversa sobre os problemas que neste momento preocupam a direcção do Sindicato dos operários da indústria de cutelaria.

# PRÉMIOS LITERÁRIOS DE 1935

O *Berço da Grei*, congratulando-se pela homenagem prestada a um dos mais altos espíritos do país, a um vimaranense dos mais cotados no mundo da Inteligência, felicita entusiasticamente o premiado e vem mostrar aos seus leitores que a glorificação dos *Novos Estudos Filosóficos e Críticos* foi um acto de absoluta justiça e despido do menor favoritismo.

Para nós, porém, o incansável escritor teve, moralmente, mais outro prémio — o *Alexandre Herkulano (História)* — porquanto, na reunião do júri, o seu nome, segundo o relato do *Diário de Lisboa*, foi por vezes vivamente pronunciado. Quer dizer, — os *Elementos de História de Portugal*, estiveram *quasi* a ser premiados. Houve farta discussão e por fim o prémio (História), foi atribuído ao sr. Queiroz Veloso, mas por *maioria*.

Verificou-se pois, que o festejadíssimo livro da história pátria com que o sr. dr. Alfredo Pimenta dotou Portugal, podia ter sido premiado. Não o foi. No entanto, essa obra admirável de que em pouco tempo ficaram esgotados os seus dois mil exemplares da 1.<sup>a</sup> edição (facto raro em livros deste género), tem à sua volta os aplausos vibrantes de um júri que não pode ficar esquecido e por isso aqui oferecemos aos nossos leitores parte dos depoimentos notáveis de alguns dos melhores valores intelectuais portugueses, sobre os *Novos Estudos Filosóficos e Críticos* e *Elementos de História de Portugal*.

Nunca é demais chamar a atenção dos vimaranenses para o valor mental de um dos seus mais nobres filhos, dum escritor que é o exemplo mais perfeito do que podem produzir a Inteligência e o Estudo unidos a uma Actividade espiritual das mais extraordinárias da nossa época.

O sr. dr. Alfredo Pimenta é incomparável no seu labutar constante.

Ainda há pouco nos apresentou essas duas monumentais obras de que vimos falando, e já se anuncia na casa editora Tavares Martins, do Pôrto, o aparecimento de um novo trabalho histórico, de sensação — *D. João III*.

Perante uma tal prova de verdadeiro prodígio de actividade intelectual e de rara capacidade de estudo, só podem ficar indiferentes aqueles cuja pequenez espiritual fôr manifesta. Oicamos os depoimentos:

## A' margem dos «Novos Estudos Filosóficos e Críticos»

— Na paisagem desolada, e desoladora, surgem excepções raras — e ninguém tem maior prazer do que nós ao sublinhar algumas de-

## O SECRETÁRIO DA PROPAGANDA NACIONAL CONCEDEU, POR UNANIMIDADE, O PRÉMIO «RAMALHO ORTIGÃO» (ENSAIO) AO NOSSO ILUSTRE CONTERRANEO E EMINENTE HOMEM DE ... LETRAS, SR. DR. ALFREDO PIMENTA ...

las. E' o que nos sucede dian'e do novo volume de Alfredo Pimenta, que honra o nosso prestígio mental e cultural e decerto constituiria, em qualquer dos centros europeus ou americanos da intelligência hodierna, um acontecimento memorável.

— E quantas vezes nós, que de perto acompanhamos o labor for-

quecida por quasi todos, da legitima Cultura Portuguesa! Há uma dívida nacional, de gratidão e respeito, para com Alfredo Pimenta. Quem a pagará? E quando? Será mesmo paga algum dia?

Terminemos, pois, delarando que o novo livro de Alfredo Pimenta é mais um extraordinário documento



midável de Alfredo Pimenta, sabemos do apaixonado interesse com que se dedica aos seus trabalhos eruditos e críticos, e até conhecemos o horário invariável quasi heroico, duma vida consagrada, de modo exclusivo, às transfiguradoras canseiras do Espirito — quantas vezes pensamos, de manhã e à noite, olhando as esquinas onde pontifica uma turba de inúteis, de pedantes e de fúteis, naquele grande investigador que, no seu gabinete forrado de estantes, de olhos presos aos textos que procura decifrar e esclarecer, à mesma hora dá o seu esforço mais desinteressado e mais convicto à causa, es-

de valor deste notabilíssimo pensador português — um dos maiores e mais completos que tem surgido na nossa história literária.

Dr. João Ameal.

## A' margem dos «Elementos de História de Portugal»

— A obra de V. Ex.<sup>a</sup> pode classificar-se de notável, só podendo ser escrita por um erudito do quilate de V. Ex.<sup>a</sup> Creio mesmo que não haveria em Portugal outra pessoa capaz de levar a cabo tam melindrosa tarefa.

Dr. Cordeiro Ramos.

— Mas todas as páginas dos *Elementos* têm interesse crítico e novo... V. Ex.<sup>a</sup> produziu uma obra de muito merecimento: o que já ninguém estranha, pois toda a gente culta em Portugal, sabe hoje que é sempre de merecimento o que V. Ex.<sup>a</sup> produz. O seu valor durante muito tempo abafado, é hoje evidente no país.

P.<sup>e</sup> Leonardo de Castro, O. F. M.

— Tènicamente, a grande inovação é a inserção dos passos das fontes. Causa utilíssima que creio nunca ter sido praticada entre nós, e que urge transportar para a história literária.

Dr. Joaquim de Carvalho.

— Dos meus elogios não precisa o meu amigo, sabedor da valia da sua obra; — como autor conhece bem o que lhe custou a ajuntar os materiais e a construir o edificio dos alicerces à cumiada.

Dr. Ricardo Jorge.

— E' inegável que V. Ex.<sup>a</sup> prestou ao País um grande serviço. Colocou no seu verdadeiro plano figuras e factos nacionais da maior importância. Ressuscitou mesmo alguns homens — como esse illustre D. João III sucessivamente assassinado por historiadores de má fé ou de compreensão fechada...

Em resumo: julgo que o seu trabalho é, de entre os que nasceram para o ensino, o único verdadeiramente digno de se entregar confiadamente nas mãos da mocidade portuguesa.

Dr. Armindo Monteiro.

—... Do espirito estava de antemão seguro que havia de ser o melhor para educar e elevar este país. Creio ser bem um grande serviço prestado.

Dr. Oliveira Salazar.

— Creio que os *Elementos da História de Portugal* estão destinados a exercer uma larga acção renovadora na mentalidade dos portugueses, especialmente das gerações novas a que se destina.

General João de Almeida.

— Uns e outros (professores e alunos), não deixarão de recorrer a este abundante e higiênico fontenário para matar a sede da verdade histórica.

Dr. Hipólito Raposo.

— A leitura que fiz, confirmou a minha expectativa. O livro é bom, é inovador, é completo, é são; você merece os maiores louvores.

Dr. A. A. Pires de Lima.

(Continua na 7.<sup>a</sup> página)

# Higiene e puericultura

## Conselhos importantes aos candidatos ao matrimónio

«Um corpo são abriga um espírito são, bem como a actividade e desejo de trabalhar. Um corpo são é um foco de energias físicas e morais, que são condição importante da felicidade na vida conjugal e dos filhos.»

«A doença de um dos cônjuges afecta o outro e provoca um acréscimo de trabalho, reduzindo a alegria de viver, com o desassossego a toda a família.»

«Além disso a doença dum, pode transmitir-se ao outro, reflectindo-se na prole o estado precário dos pais e assim fogem a felicidade e o harmonia do lar.»

«Mas o caso piora, se a doença dos pais é dos que se transmitem à geração com grave prejuízo físico e moral.»

«Por outro lado a experiência nos ensina que a união de pais doentes produz, em regra, uma progénie fraca ou mesmo não produz descendência. E', pois, um dever sagrado para quem deseja casar-se, não só para consigo, mas para com a futura prole, o submeter-se a um exame de consciência a tempo, antes de assumir a responsabilidade do acto que vai empreender.»

«E' dever dos dois considerar seriamente não só a afeição mútua e as condições financeiras, mas também o seu estado de saúde, indispensáveis a uma união feliz!»

«Esta responsabilidade interessa a pais e tutores, cuja obrigação é zelar pelo interesse dos seus. Devem, pois, aconselhar um exame clínico aos candidatos ao casamento. Quantas vezes acontece que só o médico pode descobrir uma doença oculta ao próprio doente e que, sendo curável, apenas faz recuar a data do matrimónio! Consultai o médico e, se este vos aconselhar um adiamento, escutai essa voz, que

tantas vezes vos poupará um remorso amargo sobre um mal irreparável.»

«Passado esse tempo, com a consciência tranqüila e a esperança bem fundada, podereis realisar os vossos projectos.»

«E, antes das núpcias, comunicai ao outro candidato, directa ou indirectamente, a opinião do médico. Assim não cometeréis um crime contra o futuro cônjuge ou contra os que nascerem dessa união.»

«E até mesmo contra a pátria que precisa duma geração forte, sã e vigorosa.»

São estes conselhos que os noivos, na Holanda, podem ler ou ouvir a tempo ainda de tomarem uma resolução, no momento em que vão assinar o seu contrato nupcial no Registo Civil.

Para o nosso feitio de meridionais, sempre exarados em matéria de amor, quer-me parecer que esta propaganda educativa feita à ultima hora, de nada valerá para pôr um entrave à ideia preconcebida da realização do casamento, mesmo que qualquer dos candidatos verificasse nessa ocasião, que ia cometer um acto criminoso para com o futuro cônjuge e a descendência.

Julgo, portanto, de todo o interesse e oportunidade a transcrição destes prudentes conselhos, fora que os jovens e pais de família que os lerem, meditem um pouco sobre eles e se convençam que não pode haver verdadeira felicidade no lar sem boa saúde, que é um dever conservá-la, aperfeiçoá-la e propagá-la e, mais ainda, que a transmissão de doenças é um crime de lesa-humanidade, em alguns países já previsto pelo código penal.

F.

## ALFREDO GUIMARÃIS

Na última reunião do Conselho da Academia Nacional de Belas Artes foi eleito sócio, por unanimidade, o nosso conterrâneo sr. Alfredo Guimarães, illustre director do Museu Regional de Alberto Sampaio.

Damos com todo o desvanecimento esta notícia, pela circunstância de ter sido o primeiro vimaranense que mereceu tam grande honra, e por se tratar do distinto escritor que ainda há bem pouco tempo enriqueceu a literatura artística nacional com esse magnífico trabalho intitulado *Mabillário Artístico Português*.

Aceite o nosso respeitável amigo as mais sinceras felicitações.

## “O Berço da Grei,”

No seu último número de 31 de Janeiro próximo passado referiu-se em termos amáveis ao nosso jornal, o bem redigido semanário escutista bracarense *A Flor de Liz*.

Muito penhoradamente agradecemos.

— Registou o aparecimento de *O Berço da Grei* com amáveis referências, o estimado correspondente desta cidade para o *Comércio do Porto*.

Agradecemos e pedimos desculpa por tam tardio reconhecimento.

## Dinheiro

Empresta-se sobre 1.ª hipoteca.

Nesta Redacção se diz.

# NÃO DIGA ASSIM... DIGA ANTES...

Ainda a terminação MOS. A expressão DEIXAR DE

Apontámos aqui, na semana passada, o erro, que entre nós se ouve com frequência, de se trocar por *nos*, em certas formas verbais, a terminação *mos* da primeira pessoa do plural.

O erro está mais espalhado do que geralmente se imagina e o pior é que não é fácil dar por êle, e de facto muitos não dão, tam pequena é a diferença entre as duas sílabas que se trocam. Calculo até que os próprios que cometem o erro o fazem inconscientemente, em grande parte pelo menos, e ainda não repararam que não dizem como a maioria das outras pessoas. Por isso de novo se insiste neste ponto e para êle se chama de novo a atenção.

Segundo o que temos observado, a substituição referida dá-se apenas nas formas esdrúxulas, como *sabíamos, estávamos, fizéramos, cabíamos* etc. que são substituídas por *sabíamos, estávamos, fizéramos, cabíamos*, e também no infinito pessoal e futuro do conjuntivo, como *amarmos e quisérmos* que são trocados em *amarnos e quisernos*, como já se mostrou na semana anterior.

Outro erro bastante vulgarizado é o do emprêgo irregular da expressão *não poder deixar de*.

*Deixar de* significa *cessar, acabar*. *Ainda não deixou de chover* é o mesmo que *ainda não acabou ou cessou de chover*. Em frases como: *nunca deixes de cumprir os teus deveres; não deixes de o fazer, deixar de* equivale a *desistir, fugir a ou evitar*. E' aproximadamente este sentido que tem na expressão *não poder deixar de*. *Não posso deixar de o ver* quer dizer *não posso fugir a vê-lo ou evitar vê-lo, isto é, tenho de vê-lo, é forçoso que o veja*.

Ora entre nós é costume acrescentar-se um segundo *não* que é não só desnecessário, mas também prejudicial, pois dá à frase o sentido contrário ao que se desejaria exprimir. Diz-se, por exemplo: *Não podemos deixar de não aplaudir tais medidas*, querendo-se afirmar que *nos vemos forçados a aplaudir tais medidas*. O que realmente se declara é o contrário: *que nos vemos forçados a não as aplaudir*. O culpado é o segundo *não*. Suprima-se impiedosamente e tudo ficará bem.

Não se volte, pois, em Guimarães a dizer: *estivéramos partianos, esperávamos, fizéramos*; diga-se sempre *estivéramos partianos, esperávamos fizéramos*. Nunca mais se diga *não podemos deixar de não chorar*, mas diga-se *portuguêsmente: não podemos deixar de chorar*.

J. S.

# PELA CÂMARA

## Sessão ordinária de 13 de Fevereiro de 1936

Foi aberta a sessão eram 16 e meia horas.

Tomou conhecimento de diversos officios, aos quais deu o necessário expediente.

### Requerimentos:

De D. Ardezira Machado da Silva e Castro, do lugar de Megide, freguesia de Moreira de Cónegos, para reconstruir um muro que se alagou na sua propriedade de Cima de Vila, freguesia de S. Faustino de Vizela. — Deferido.

— Do Presidente da Junta de freguesia de Ronfe, pedindo a autorização a que se refere um officio junto, a fim de ser dada aprovação ao caderno de encargos de energia eléctrica de Ronfe e Vermil. — Deferido.

— De Abílio Alves de Abreu, do lugar do Covêlo, freguesia de Nespereira, para reconstruir um prédio no dito lugar e freguesia. — Deferido.

— De D. Maria Brígida de Melo Moreira, da cidade do Porto, para consertar uma ramada e um muro da sua pro-

priedade da Várzea, sita na freguesia de Ronfe. — Deferido.

— De Francisco Gonçalves, do lugar da Cruz da Argola, freguesia de Mesão-frio, para serem vendidos 79<sup>m2</sup>,5 de terreno, desnecessário ao uso público, no lugar do Cruzeiro, da dita freguesia, junto ao caminho que dirige à Arcila, cujo terreno pretende para construção de dois prédios. — Deferido, publicquem-se os editais para a venda em hasta pública.

— De Fernando Gilberto Pereira, desta cidade, para ser cortada a água da rede pública ligada ao prédio de n.º 6 a 12, da rua Dr. Avelino Germano. — Deferido.

— De Manuel Pereira, do lugar da Ponte Nova, freguesia de Caldelas, pedindo licença para possuir um rebanho de 30 cabras. — Deferido.

— De António Meira, casado, jornalista, do lugar de Garrida, freguesia de Azurém, pedindo, para efeitos de assistência judiciária numa acção de divórcio, que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara, por meio de deliberação, declare a sua situação económica.

## HOMILIAS DUM LEIGO

## PELAS OBRAS OS CONHECEREIS...

O princípio que há-de informar toda a obra cristã é a Caridade, isto é, o amor de Deus e do próximo. E' esta a pedra de toque por que poderemos aferir as acções humanas; se não contrariarem este princípio, são cristãs; serão pagãs se lhe forem contrárias.

A acção cristã não se coaduna com os métodos de violência nem com os processos de intimidação e de terror. Muito menos se pode harmonizar com atitudes de ódio, de intransigência pessoal, de vingança e de perseguição. Onde aparecer o ódio e o rancor a mover qualquer actividade humana, não pode estar, conscientemente, um cristão.

Não quer isto dizer que os castigos, applicados a quem os merece, sejam proscritos pela moral cristã. Uma das obras de misericórdia é justamente castigar os que erram. Obra de misericórdia é obra de amor. Castigar por amor é o que os pais fazem aos filhos, para seu bem. As censuras, as atitudes enérgicas, o rigor, são frequentemente necessárias ao bem geral e estão, por isso, absolutamente justificadas.

O que a moral cristã condena é que se aproveitem estes meios para satisfazer antipatias pessoais, ou se arvoreem em sistema para perseguir adversários que, por culpa sua ou sem ela, têm a infelicidade de não pensar como os seus contrários.

Por outro lado até as obras essencialmente boas perdem o seu valor cristão, se forem fruto de intenções menos elevadas. Dar esmolas para que os outros nos louvem não tem grande merecimento, nem o criar e manter instituições de beneficência só para nos furtarmos ao incómodo de aturar os indigentes na via pública e à nossa porta; não serão maus em si tais motivos; sob o ponto de vista cristão são, pelo menos, indiferentes e nada contam perante Deus.

Exercer a beneficência, não por amor de nós, mas por amor dos necessitados, isso sim que é cristão, nobre e sublime e tem um alto valor aos olhos de Deus e dos homens.

LEIGO.

## DO CONCELHO

## Urgezes, 3 de Fevereiro

(Atrasada na redacção)

Ao iniciarmos as nossas despretenciosas correspondências para o novo semanário que em tam boa hora viu a luz da publicidade na sede gloriosa deste concelho de Guimarães, com o titulo nada estrondoso mas repassado de sentimento histórico e baírrista de *O Berço da Grei* queremos dirigir as mais vivas saudações, primeiro: a todos os que, como nós, souberam reconhecer nesta terra a falta de um periódico que servisse francamente a Moral Cristã e o verdadeiro culto que a Deus é devido e fôsse ao mesmo tempo um fiel porta-voz das ideas que a Ordem Nova proclama, sem servilismos que rebaixam nem interesses que envilecem — defendendo conscientemente a causa deste povo de Guimarães que é sem dúvida o primeiro povo português. Segundo: os que, depois de a terem reconhecido não duvidaram pôr de parte indolências e comodismos para que tal falta não se fizesse mais sentir. Terceiro: a quantos corresponderam ao apêlo dêsses valentes iniciadores, já aceitando e cumprindo o dever da colaboração, já permitindo que *O Berço da Grei*, transpondo o limiar das suas por-

tas lhes ameace uns bem empregados 20\$00 anuais. Finalmente, e com o pedido de muita misericórdia para as deficiências a que a nossa imperícia e muito trabalho nos vão arrastar, queremos envolver nesta saudação todos os habitantes desta laboriosa freguesia, especialmente aqueles a quem a visita deste jornal vá obrigar a ler as nossas opiniões, as nossas críticas e o resultado das curiosas investigações a que é obrigado um jornalista que não quer ter foros de adivinho.

Como novidade já velha e triste também nós podemos dizer que o rigoroso inverno tem levado a miséria e a fome a muitos lares. Bem haja, pois, o Governo em sentir como suas as necessidades dos seus súbditos decretando a Campanha de Auxílio aos Pobres de Inverno. A delegação desta freguesia, composta pelo Pároco, Presidente da Comissão Administrativa e representante da autoridade administrativa reúne hoje a primeira vez para organizar o catálogo dos que necessitam de auxilio mais urgente. Oxalá que não se faça esperar qualquer auxilio e que se torne mais fácil do que nós pensarmos a execução do decreto que criou e regula aqueles organismos.

— Com o nome de José Antó-

## H O R A A L T A

«Berço da Grei»! Solar de altiva Raça!  
Murmúrio longo que a minha alma escuta,  
Ora subindo, em voz de Glória e Luta,  
Ora baixando, exausta, na Desgraça!

«Berço da Grei»! Se o vil desvairo a enluta  
Ei-la, no alvor da luz que se deslça  
Livrando o vôo em retornada graça,  
Heróica, firme, audaz e resoluta.

«Berço da Grei»! Reviva em Hora Alta!  
Império e Rota de outro Sonho Novo  
Mas que O da India, ao seu fervor igual!

Alma da pátria, Frémito que exalta!  
Suba, sem noite, à viva fê do Povo  
Eternamente, o Amor de Portugal!

GIL MARCOS.

## PREMIOS LITERARIOS DE 1935

(Continuação da 5.ª página)

— Sereno na exposição dos documentos; lógico nas conclusões que dêle se tiram; desassombrado nos comentários lançados à história; vivo na expressão; sintético nos juízos; nítido e elegante na formas — todo o livro, extenso na erudição, intenso na cultura, atraente na escrita pura e fácil, todo o livro se lê com verdadeiro prazer.

Dr. Antero V. Figueiredo.

— Até hoje não havia em Portugal, pelo menos, tam bem feito, debaixo do ponto de vista científico e do método empregado.

Este livro muito o honra, e como diz na *Prefacção*, fez muito bem em lhe dar essa conveniente dose de erudição que muito possivelmente influirá no espírito dos novos, criando-lhes o gosto pela erudição e investigação históricas.

Dr. Armando Cortesão.

— Esperemos que a esclarecida competência do Prof. Dr. Eusébio Tamagnini, ilustre Ministro da Instrução, imponha o livro do Dr. Alfredo Pimenta, como o único adoptado nos liceus nas respectivas classes. Se assim não fôr, estamos plenamente convencidos que será preterido por qualquer outro cheio dos erros legados pelo século XIX.

Dr. F. Pires de Lima.

— Esta obra notável, que o autor chama, com excessiva modéstia, *Elementos* — é, no fim de contas a primeira História de Portugal que verdadeiramente possuímos.

— A primeira que existe entre

nio foi ontem baptizado na igreja paroquial desta freguesia um interessante menino, filho de Antonio Machado e Emilia Baptista Dias, sendo padrinhos José António Pereira e sua esposa, D. Custódia Leite Pereira, com farmácia nessa cidade. — C.

nós capaz de formar os espíritos moços no culto nacionalista das grandezas de Portugal.

Dr. João Ameal.

— Cingindo-se rigorosamente ao programa liceal, mas com desenvolvimento dos assuntos e pormenorização dos aspectos, interessante e reflectido, o compêndio do Dr. Alfredo Pimenta é, indubitavelmente, a mais feliz obra da História no seu género, escrita desde Herculano para cá.

F. M. no A'vante.

— Os *Elementos da História de Portugal* são escritos por uma inteligência que vê tudo isto, por uma alma que sente e quer a grandeza de Portugal, por uma erudição que conhece vastamente as fontes da verdade histórica.

H. de Paiva Couceiro.

— Em suma e para terminar, os *Elementos da História de Portugal*, são uma grande obra, uma obra benemerita e digna da gratidão de todos os portugueses, que amam a sua Terra, digna das palavras honrosíssimas que o alto espírito de Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca escreveu ao autor: — ... «louvo-o e felicito-o sinceramente pela sua valiosa tentativa de dotar Portugal com um livro de história cristã e portuguesa».

Correia Marques.

\*  
O *Berço da Grei* pergunta a todos os portugueses cultos se os *Elementos da História de Portugal* são ou não dignos de andar nas mãos dos académicos do nosso país, e ao mesmo tempo pergunta se depois dos depoimentos ouvidos, a obra do sr. dr. Alfredo Pimenta está ou não premiada.

PATROCINADO PELA UNIÃO NACIONAL

# RECORTES & COMENTÁRIOS

## Merece, sim senhor

Lêmos em *O Comércio do Porto*, a propósito do discurso de Lloyd George sobre mandatos coloniais: ... *afortunadamente, também, os representantes do Império britânico que, ante-ontem (quinta-feira, 6) o escutaram devem ter compreendido que a panaceia proposta pelo seu ridículo colega encrespado contra belgas, portugueses e holandeses não merece um minuto de atenção.*

Parece-nos que o discurso do antigo primeiro ministro inglês merece não só a atenção mas até alguma cousa mais do que isso.

## Lloyd George

segundo diz o colega, perdeu o antigo prestígio e perdeu também o senso e o juízo. Que tenha perdido o antigo prestígio, pode bem ser que sim: voltas que a política dá! Mas que tenha perdido o senso e o juízo, parece-nos um pouco forte de mais.

Readquirir a posição política à custa de discursos inflamados não era o caso único em sistema parlamentar, e sobretudo em assuntos que não são caso virgem, e tratados em ocasião grave do momento político interno e externo.

## Momento oportuno

é este em que a Alemanha renova a sua campanha de readquirir as colónias que estão ... desde 1918, em regime de mandato, administradas, como se sabe, pela Grã-Bretanha, pela França e pelo Japão. A reclamação de colónias, por parte da República Imperial do Reich apresentada neste propício momento internacional, estamos convencidos que não punha em

causa as colónias portuguesas, pelo menos em antes da reclamação e posse das que lhe pertenciam em antes da Grande Guerra.

## Ora a verdade

é que nem a Grã-Bretanha, nem a França, nem o Japão, estão dispostos a largar os mandatos, mesmo que fôsse a Sociedade das Nações, da qual os receberam, e muito menos a Alemanha. Que estas três nações (mais ou menos mal avindas — diplomáticamente, é claro, na última Conferência Naval dos 5) se oporiam tenazmente a qualquer tentativa é mais que certo.

## Mas a Alemanha

está hoje fora do círculo de Genebra e, pelo que se sabe, aumenta constantemente em potencialidade militar. De aí, o *balão de ensaio* — preferimos chamar-lhe assim — da *manha de raposa velha* de Lloyd George. Por outro lado, a Itália afirma-se na necessidade imediata de expansão colonial e anda empenhada nessa luta trágica para alargar o seu poderio na África, e apesar de notícias contraditórias, certo será muito custosa uma derrota completa.

## Que isto é assim

bem o demonstra a atitude da Câmara dos Comuns nas interpelações de quarta-feira, em que se pediram e foram dadas declarações tranquilizadoras, e em especial sobre as colónias e mandatos ingleses. As declarações repetir-se-ão no mês próximo na Câmara dos Lords sobre os territórios em posse da Inglaterra. No entanto a ideia ficou lançada... mais uma vez.

o seu bairrismo contrasta com a apagada chateza dos nossos dias.

Que as novas gerações aprendam em Jerónimo Sampaio a servir Guimarães com isenção e nobreza, própria das almas lavadas de sentimentos inferiores.

No passado dia 5 do corrente fez anos o nosso prezado assinante sr. José Reis Júnior.

Cumprimentamos nesta cidade o nosso prezado assinante, sr. Manuel Marques, importante capitalista em Tenões, Braga, que acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Laura Teixeira Marques, veio visitar sua família.

## BRINDE

Da importante firma portuense Eduardo Pereira Pinto & Filhos, recebemos um artístico calendário. Agradecemos.

# P E D I B O L A

## VITÓRIA, 2 — LEIXÕES, 2

Em virtude da chuva ter interrompido em 12 de Janeiro o encontro Vitória-Leixões, efectuou-se no domingo a repetição deste desafio, em disputa do campeonato da II Liga.

Assistência rezoável. Tempo de rigoroso inverno.

Durante a partida uma chuva miuda caiu sem cessar, ensopando o piso do rectângulo. Na última metade, o campo estava transformado num lameiro.

Entra em primeiro lugar o grupo de Leixões, formado por homens de compleição atlética.

Aplausos. Em seguida surgem os alvi-negros, que a assistência aclama com uma prolongada salva de palmas.

Inicia-se o encontro.

O Vitória sai e invade o campo do Leixões, mas a bola vai fora pelo lado direito.

Os visitantes ripostam com uma perigosa avançada. Ricoca, em luta com três adversários, salva as suas rêdes com uma soberba defesa a sóco. Os aplausos estrugem.

Os dianteiros do Vitória, com denodo e energia, assediam.

Clemente, bem colocado, alveja as rêdes, mas o pontapé saiu brando.

Todos os sectores do Vitória tem agido com acêrto e firmeza.

Leixões sacode a pressão e surge em frente de Ricoca. Uma oportuna intervenção de Jaime afasta o perigo.

Rompe-se a sólida ligação com que o Vitória desenvolve o seu jôgo.

Os locais afrouxam.

Surge a primeira bola do Leixões.

O extremo-esquerdo visitante corre ao longo da sua asa e centra o esférico. Um companheiro de *equipe* bem colocado remata em direcção às rêdes. Bola de defesa fácil, mas Ricoca encoberto não enxergou o rumo do esférico.

O esforço dos homens do Vitória, avulta e sobressai. Alguns elementos locais suprem com a sua alma transbordante de energias, a inferioridade física.

A assistência amodorra-se.

A. Augusto adverte, e as *bancadas* voltam a incitar à luta o grupo favorito.

Por intermédio de um forte pontapé de Clemente, o Vitória empata.

A assistência aplaude.

Com o resultado de 1-1, termina o primeiro tempo.

Logo após o intervalo, Bravo perde uma oportunidade de marcar; aponta às rêdes, mas o esférico passou por cima da trave.

O esforço físico dos homens do Vitória, apesar da robustez dos adversários e do estado lamacento do campo, não descaiu; pelo contrário, sobrepuja o dos adversários. O Vitória domina. Grande penalidade contra o Leixões que A. Augusto transforma *goal*... Tem-se a impressão que o triunfo pertence aos locais, como a justa recompensa de uma actuação esgotante, sem desfalecimento. Um *goal* do Leixões, após instantes a marcação do *penalty*, desmente esta previsão.

Minhoto, o melhor elemento do Leixões, abandona a defesa e passa a avançado. Recebe de cabeça um bom centro do extremo esquerdo, e enfia o esférico nas rêdes.

Estabelecido o empate, recupe o seu lugar primitivo.

O Vitória redobra de impetuosidade e assedia com o propósito firme de marcar.

O desafio termina, sem que os jogadores do Vitória vissem o seu esforço coroado do merecido êxito.

Este empate ainda nada deslustra a actuação do Vitória, digno de resultado compatível com o *élan* aplicado à partida.

A violência dos homens de Leixões, escudada numa superior robustez física, os jogadores do Vitória responderam com ardor combativo que uma técnica superior valorizou. Para repressão da violência dos homens do Leixões, foi pôsto um jogador fora do rectângulo.

A arbitragem, espinhosa e difícil, razoável.

# SOCIEDADE

Esteve domingo pretérito nesta cidade, o sr. Henrique Cabral, activo delegado do Instituto Nacional do Trabalho do distrito de Braga.

Teve o seu feliz successo a dedicada esposa do nosso amigo, sr. Agostinho Dias Pinto de Castro.

Passou na semana finda, o aniversário natalício do activo empregado de ourivesaria, sr. José Maria da Fonseca, nosso prezado assinante.

Faz anos no próximo dia 17, o sr. Jerónimo Sampaio.

Alma temperada na escola de passadas gerações, em que o amor a Guimarães brotava do coração,

# João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO	
Partidas de Guimarães	Partidas do Porto
8 h., 12,30 e 18,15	8 h., 10,15 e 17
Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM	
Partida de Guimarães	Partida da Póvoa
7,30 h.	17,30 h.
Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM	
Partidas de Guimarães	Partidas de Pevidem
7,35 h., 12 e 19	8 h., 12,30 e 19,30